

A. de Magalhães Basto

O essencial sobre
OS DOZE
DE INGLATERRA

ncm

A. de Magalhães Basto

O essencial sobre
OS DOZE
DE INGLATERRA

hcm

Tanto quanto se sabe, o essencial sobre o episódio dos Doze de Inglaterra, tornado famoso pel'Os Lusíadas, consta de um manuscrito quinhentista descoberto pelo Dr. Artur de Magalhães Basto na Biblioteca Pública Municipal do Porto, e por ele publicado em 1935, com actualização da grafia e abertura de capítulos de sua responsabilidade. O mesmo historiador data-o de, aproximadamente, 1550.

A edição, «Crónica Breve das Cavalarias dos Doze de Inglaterra (...) / Precedida dum Estudo de A. de Magalhães Basto (...), Porto, Imprensa Portuguesa, 1935», tornou-se uma raridade bibliográfica, pelo que se entendeu que constituiria um útil serviço cultural reproduzir neste volume, integralmente, o texto dessa «Relação ou Crónica Breve», Cavalarias de alguns fidalgos portuenses, na leitura de Magalhães Basto, acompanhado das estâncias de Os Lusíadas que narram a façanha. As comemorações em curso dos 600 anos da aliança

inglesa também, só por si, justificariam a publicação.

Ambos os textos vão precedidos do capítulo V do estudo introdutório de Magalhães Basto, em que o autor analisa o essencial das relações entre o texto do manuscrito e o poema; incluem-se também as suas observações quanto à grafia do manuscrito.

A IN-CM agradece muito penhorada à Família do Dr. Artur de Magalhães Basto a autorização gentilmente concedida para a reprodução, neste volume, dessas passagens do trabalho do ilustre Historiador.

A «RELAÇÃO» E «OS LUSÍADAS»

SUMÁRIO: — Teria sido a Relação fonte de *Os Lusíadas*? —
Cotejo: conclusão.

Camões, pela bôca de Veloso, asseverou, ao ocupar-se dos feitos dos Doze de Inglaterra, que não descrevia coisa *fabulosa ou nova*, e em mais duma passagem do seu Poema se encontra a afirmação de que, dos Portugueses, só narra proesas reais e verdadeiras; êle mostra ao mesmo tempo ter em pouco preço as histórias mentirosas das *cavalarías*¹, tanto em voga, principalmente entre o povo, ainda na sua época².

Se o Poeta declarou que não era fabulosa nem nova a sua *história* é que pelo menos não a inventou. Encontrou-a, portanto, já formada. A referência anterior de Jorge Ferreira de Vasconcelos ao mesmo feito corrobora esta nossa afirmação.

Admitia-se geralmente que Luiz de Camões e Jorge Ferreira de Vasconcelos se basearam em antigas relações manuscritas. Sabe-se que assim

sucedeu com Pedro de Mariz e Manuel Correia, os quais tiveram presente — segundo as nossas conclusões, é evidente — uma narrativa igual à da *Crónica Breve* do Ms. 87 da Biblioteca Municipal do Pôrto.

A *Crónica Breve* da Biblioteca do Pôrto não diz o ano em que foi copiada. Supomos poder-se datá-la, aproximadamente, de 1550. Mas ainda que, por hipótese, tal cópia seja mais recente de alguns decénios, o original, se não é muito velho, deve ser daquela época pelo menos. E, seja como fôr, das proesas dos Doze de Inglaterra é essa a única *Relação* quinhentista que se conhece, a qual, como já vimos e ainda agora dissemos, foi a que, em última análise, serviu de fonte — segundo parece — a tôdas as descrições em prosa, conhecidas, dos aludidos feitos.

Conforme julga o Mestre Camonista Doutor José Maria Rodrigues, o Épico teria conhecido duas versões do mesmo Episódio — numa das quais se falaria em Doze Cavaleiros e noutra em Treze³. No Canto VI seria a primeira versão a preferida. Ora essa condiz, pelo menos quanto ao número dos cavaleiros, com a *Relação* ou *Crónica Breve* da Biblioteca do Pôrto, outrora do Mosteiro de Santa Cruz, onde o Poeta fêz, como é sabido, os seus estudos...

Mas para se verificar se esta narrativa — não forçosamente êste livro material, mas o respectivo texto — pode na verdade ter sido fonte de Camões é preciso confrontar minuciosamente o episódio de *Os Lusíadas* com a dita *Relação* ou *Crónica Breve*.

Nos *Lusíadas* o combate é pelejado a cavalo, e com lança e espada, e Magriço chega ao campo da luta quando já ninguém o espera. Na *Crónica Breve* não é assim. Mas supomos ser absolutamente crível que foi o Poeta quem deliberadamente nesses pontos se afastou da tradição. «É indispensável não nos esquecermos — escreveu recentemente o Doutor José Maria Rodrigues — de que Camões usa das fontes históricas não como historiador, mas como poeta, não prescindindo, portanto, do direito de as modificar quando para isso tenha motivos de ordem estética ou de outra natureza»⁴.

Camões no episódio dos Doze de Inglaterra teria usado do referido direito. Na modalidade camoniana do torneio de Londres, êste desenvolve-se com superior beleza e indiscutivelmente com maior interêsse ou intensidade dramática. Comparando as duas versões parece poder admitir-se na de *Os Lusíadas* a intervenção emocional de um artista.

Quando ao mais, o cotejò da *Crónica Breve* com os estrofes correspondentes do Poema reve-

la-nos quási sempre uma identidade perfeita, surpreendente. Tem-se a impressão de que o épico compôs êsses versos não por simples reminiscências, mas, como tantas vezes fêz, seguindo escrupulosamente o texto, que, neste caso, era um exemplar da *Crónica* de que no Ms. 87 há uma cópia. O que lhe pareceu escusado resumiu-o, ou eliminou-o. Dum sucesso que se lhe afigurou duvidoso, não asseverou, mas apenas escreveu: — «*Dizem que contudo o grão Magriço*»... Em três únicas estrofes alude aos banquetes que se seguiram ao torneio, e aos duelos de Magriço na França, e de Avranches na Alemanha, que na *Crónica* ocupam mais páginas que a descrição do combate dos Doze. Êle mesmo declara quási que abreviou o que havia para dizer:

*Contando assim Veloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e o vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.*

Mas o Poeta faz intervir a *grande e súbita porcela* que obriga os marinheiros a correr aos seus postos. Em Veloso nada mais conta...

Nestes assuntos não pode haver certezas matemáticas, absolutas.

No entanto, dadas as circunstâncias que deixamos indicadas, e visto que nenhum outro texto manuscrito ou impresso se conhece que pela sua data possa haver sido utilizado por Camões, *parece-nos*, até prova em contrário, que o Épico teve como fonte, para a elaboração das estrofes 43 a 69 do Canto VI do seu Poema, a *Crónica Breve das Cavalarias dos Doze de Inglaterra*, duma de cujas cópias ou versões a Biblioteca Municipal do Pôrto se honra em dar integralmente, pela primeira vez segundo cremos, uma edição impressa.

OBSERVAÇÃO

«Quando o texto que se tiver de editar fôr importante, mas pouco extenso, podem fazer-se no mesmo volume duas edições, uma diplomática e outra crítica com alterações ortográficas, assim fêz, por exemplo, Menéndez Pidal no *Cantar de Mio Cid*».

Conformando-nos com êste autorizado parecer do Sr. Prof. Dr. José Leite de Vasconcelos (*Opúsculos*, vol. 1.º Filologia, pt.º 1.º — Coimbra, 1928, p. 318), daremos também duas edições uma de grafia e pontuação modernizadas, outra rigorosamente diplomática. Reservámos esta última para o cotejo com os textos de Mariz e de Manuel Correia. Nessa edição manteve-se a anarquia estigmológica; mas separaram-se algumas palavras que apareciam injustificadamente ligadas.

*

Notaremos desde já as particularidades mais curiosas da grafia da *Crónica Breve*:

VOGAIS — A copulativa e vê-se representada algumas vezes por um sinal que parece C.

— *i* substituído por *j* no fim de muitas palavras: *muj, rej, consentirej*, etc.; o *j* substituído por *i* no comêço e meio de algumas: *ia* (por já), *ianela, ioel, festeiados, iniuriados*, etc.

— *u* substitue quási sempre *v* no meio das palavras: *Cauallarias alluaro, seruidores*. No comêço das palavras: *u* em *uos*, algumas vezes — mas *v* em *vsara*.

O som nasal representado por *m, n*, ou til — *dom, frança malaueturada, tâto*.

Aa, ee, oo — indica vogal aberta: *aaquelle, caa, laa, traas, atee, soo, avoos*.

CONSOANTES — *ç* usado sem critério definido: *vençeo, licença, pareçia, espeçiais*, e também *excellente, alcancarião*; algumas vezes o *c* é ligado à letra seguinte pela parte superior, à moda arcaica, como em *façanha, coube, pouca, frança*, etc.

— *g* escrito muitas vezes *gu*: *fidallguo, portuquall, loguo, comiguo, aguo*.

— *h* usado em *ho, hum; he* (vb. ser); *hir, hião, hindo; honde; hombro*: mas *auia, ouue, ei* (formas do verbo «haver») sem *h*.

— *j* substituído por *i* no comêço e meio de algumas palavras, como acima ficou dito.

— *l* só raramente não é duplo no meio e fim das palavras: *excellente, callidade, allegre, finallmente, apallpando, mall, tall, quall, papell.*

— *m* algumas vezes empregado antes de outras consoantes que não sejam *b* e *p*: *allemcastro, gramde.*

— *mn* aparece em *solemnes.*

A influência latina do humanismo, que se revela na escrita destas palavras, não se manifesta por ex. em *vitoria* que assim é grafada no Ms.

— *nn* aparece em *penna, sennhor, danno.*

— *q* escrito *qu* em *nunqua.*

— *rr* depois de vogal nasal como em *honrra, honrrado, genrro.*

— *ss* bastante usado, ex.: *descanssar, cadafallsso, foisse, materensse.*

— *v* é quasi só usada como inicial: nos outros casos é substituída por *u*. Algumas vezes até no comêço das palavras *u* substitui *v* — *uos* — como já se disse.

ACENTUAÇÃO — Só usado o til em *ão*, e acento circunflexo em *môr* (maior); *â corte; hê Conde.*

SINAIS DE ABREVIATURAS — Traço horizontal na perna do *p* para representar *per*.

NOTAS

¹ Êste desprêso notaram-no, por ex., Garcês Ferreira — *Lusiadas*, op. cit., II, p. 41, e, em 1835, J. Silv. Ribeiro — *Estudo moral e político sobre os Lusiadas* — p. 156.

² Os eruditos de Quinhentos eram em geral da opinião de Camões. T. Braga — *Hist. das Novelas de Cavallaria* — cit. p. 228 e seg.

³ Vid. *retro* p. 11 nota 1.

⁴ *Biblos*, VIII, 1932 — p. 11, art. de J. M. Rodrigues — «*A dupla rota da Vasco de Gama*».

In *Os Lusiadas*, ed. nac. Lx.^a, 1928, entre outros ex., cita-se um bem característico a p. CLXVIII.

RELAÇÃO OU CRÓNICA BREVE

Texto modernizado do Ms. 87
da Biblioteca Mun. do Pôrto

CAVALARIAS DE ALGUNS FIDALGOS PORTUGUESES

Algumas coisas que fizeram o Conde de Avranches, Dom Álvaro de Almada, e Álvaro Gonçalves Magriço, e outros cavaleiros portugueses em França e Basileia, e algumas em Alemanha.

I

O TORNEIO DE LONDRES

Conta-se que, depois que El-Rei Dom João de Boa-Memória venceu na batalha a El-Rei de Castela, andando cá o Duque de Lencastre, com a filha do qual El-Rei de Portugal era casado, que lha trouxe ao Pôrto, onde se fizeram seus solenes desposórios: e, depois do Duque e El-Rei fazerem no Reino algumas coisas, êle se

foi com os seus para Inglaterra — onde estando o Duque em muito contentamento, pela bondade que nos Portugueses vira, a quem deixava sua filha por Senhora, dos quais êle mandou fazer em Inglaterra uma crónica das façanhas que lhes vira fazer, de que êle era verdadeira testemunha.

Estando assim em seus solazes, vieram os fidalgos ingleses a dizer às damas da Duquesa que eram muito feias, e muito pouco para serem damas de tam excelente senhora como a Duquesa, e, porque elas eram desta qualidade, não tinham servidores para que em Campo lho contradissem; do que elas ficaram mui agastadas, e se deram por mui injuriadas, com o qual queixume se foram ao Duque, e lhe pediram que lhes desse Cavaleiros que acudissem por suas honras, e por sua parte se combatessem com os fidalgos contrários seus, e que elas os aceitariam por servidores, tanto que fôsem

vingadas da sua injúria, por assim aquelles doze Cavaleiros os aniquilarem.

Mandou então o Duque buscar alguns Cavaleiros, e não se puderam achar nenhuns que quisessem aceitar o Campo pela valentia dos contrários.

O que, visto pelo Duque, lhes disse:

— Eu, em minha Côrte, não acho Cavaleiros que se queiram combater com vossos contrários; e, porém, pois assim é que vos não posso valer com as armas, dar-vos-ei um conselho se o vós quizerdes. E é que, quando eu agora vim de Portugal, em muitos recontros que El-Rei meu genro houve com os Castelhanos, vi muitos e mui assinados Cavaleiros portuguezes; e, se vós quizerdes, eu vos nomearei doze dêstes, os melhores que eu conheço, e eu escreverei a El-Rei meu genro que lhes dê licença e lhes rogue; e, se elles quizerem tomar emprêsa, eu tenho vosso feito por acabado. E para isso melhor se fazer escreva cada uma de vós sua

carta a cada um daqueles que por sorte vos couber; e, como vos digo, se êles quiserem vir, o que me parece que virão por sua virtude e real cavalaria, eu vos fico que vós sereis restituídas a vossa honra à custa de seu dano.

E beijando elas as mãos ao Duque, lhe disseram que eram mui contentes; e fazendo logo o Duque os nomes dos cavaleiros, cada um em seu papel, lançando sortes, tomou cada uma o que lhe aconteceu e coube à sua parte, de maneira que pelo nome soube cada uma das damas qual era o seu cavaleiro, a que cada uma [em] particular escreveu, em que lhe rogava e pedia que, pelo que deviam à Cavalaria, houvessem por bem de as vir tirar de tamanha afronta. E o Duque, por sua via, escreveu a El-Rei pedindo-lhe muito que lho rogasse a êles; escrevendo-lhes também a êles juntamente uma carta em que lhes pedia que, por amor dêle e pelo que deviam à Ordem da Cavalaria, quisessem aceitar aquela emprêsa por ca-

da uma daquelas damas, porque dela se lhes seguiria grande honra e fama e louvor por êle não achar em sua côrte cavaleiros que, por sua parte delas, a quisessem aceitar.

Ao que êles responderam que, havida licença de El-Rei, seu Senhor, êles seriam em Inglaterra no Pentecostes seguinte, que era o dia do prazo; a qual licença deu logo El-Rei aos Cavaleiros que se diz serem da Serra da Estrêla, daqueles lugares que estão pela falda da Serra, como Trancoso, Pinhel — os quais Cavaleiros eram o que depois foi Conde de Avranches, em França, Dom Álvaro de Almada, e Álvaro Gonçalves Magriço, e um Pacheco, e Pedro Homem e outros, que eram por todos doze; todos homens especiais em feitos de armas, e experimentados.

Os quais partiram e se foram à cidade do Pôrto, e os onze tomaram uma nau e embarcaram nela e partiram dali para Inglaterra; Álvaro Gonçalves Magriço quis ir por terra desenfadando-se e por ver al-

gumas coisas pelo caminho, prometendo-lhes que, se êle não morresse, que êle seria com êles no prazo limitado.

Partidos os da nau com próspero vento, aportaram na cidade de Londres, onde foram bem recebidos e festejados das damas do Duque.

E a êste tempo [não] falecia mais de dois dias para o prazo da batalha e não vinha Álvaro Gonçalves; e, de quam alegres estavam as onze com os seus Cavaleiros, tam triste estava aquela a quem o dito Álvaro Gonçalves coubera, dizendo mal assim por ela ser a mais mal-aventurada na tardança do seu Cavaleiro, e que nela havia de cair a sorte de não vir e falecer, como lhe parecia pela batalha estar já tam perto. A isto lhe responderam que não se agastasse porque êle era tal Cavaleiro que, se morte lho não estorvasse, êle viria a tempo que cumprisse com o que prometera; e que quando a ventura quisesse que não viesse, que êles onze se combateriam com os doze Ingleses, e

assim ela seria a mais ditosa, porque, por seu respeito, alcançariam mor honra e fama.

Passando entre êles e elas estas e outras práticas, eis que chega Álvaro Gonçalves, de que todos foram mui ledos; e assim todos doze, como estavam, se foram ao Duque, ao qual disseram que êles eram ali vindos a seu rôgo para se pôrem àquele transe; e que, porquanto êles eram Cavaleiros estrangeiros, e que não tinham coortes de ninguém, e os Cavaleiros com quem êles haviam de combater eram naturais, e na terra grandes senhoras, que poderia ser que, dando-lhes a ventura com êles a vitória, que os tratariam mal; que Sua Senhoria os segurasse.

O Duque chamou os doze Cavaleiros ingleses e lhes disse que aqueles Cavaleiros eram os cometedores dêste desafio, e que aquel'outros eram os que as damas apresentavam por si; e que àqueles Cavaleiros, se caso fôsse que êles os vences-

sem, que lhes não fôsse feito nenhum desaguizado, por si nem por seus parentes, e que êle os tomava sôbre sua cabeça; que soubessem que se alguma coisa se fizesse, que a êle seria feita, e que castigaria mui rijo aqueles que o tal fizessem ou cometessem, assim como se contra sua pessoa fôsse cometida. E êles então responderam que êles o[s] seguravam e que não houvessem receio de nada.

Acabado isto, e chegando-se o dia da batalha, ao tempo de entrar nela recebeu cada um dos Portugueses de cada dama seu joel e cada uma o lançou ao pescoço ao seu Cavaleiro; e assim os meteram no Campo, indo todos a pé, armados de ponto em branco.

E os juízes os meteram no Campo, estando o Duque e tôda a cidade de Londres em grandes cadafalsos, dos quais a Duquesa com suas damas viam a batalha que doze por doze faziam; na qual entravam sôbre o motivo que já disse: que as

damas eram muito feias e de muito mau parecer e que não eram boas que nesta demanda achassem cavaleiros que lhes ousassem contradizer o que diziam, e que, em Campo onde estavam, o fariam conhecer a quem lho contradissem.

A isto responderam os Portugueses que as Senhoras eram damas, tam gentis mulheres, e tam formosas que, por suas gentilezas, mereciam que Cavaleiros de mui estranhas terras as viessem servir e morrer por seu serviço, como êles fariam se êles lho contradissem.

E sôbre estas palavras começaram sua batalha com suas maças de ferro; a qual cometeram com tamanho ímpeto e sanha que, começando-se pela manhã, andaram tanto que às horas de têtça, por aprazimento de todos, descansaram.

E, acabando de tomar algum tanto repouso, tornaram à sua batalha, onde se os Portugueses meteram com seus contrários com tamanho ímpeto e vigor, finalmente que ficaram oito dêles mui mal; e

lançando todos fora do campo ficaram êles vencedores.

E perguntando aos juizes se tinham mais que fazer para que aquelas Senhoras fôsem restituídas na honra que mereciam, que aqueles Cavaleiros queriam menoscar, êles lhes disseram que não.

E assim, com muita honra e louvor, se saíram do Campo e se foram descansar a uma casa que para isso estava ordenada; onde logo vieram as damas e o Duque.

E já vedes a alegria que estas Senhoras teriam.

Assentados à mesa para tomar refeição do trabalho passado, tomaram as damas água para lançarem às mãos, cada uma a seu Cavaleiro; e quando a dama de Álvaro Gonçalves Magriço lhe quis lançar água às mãos, êles não consentiu.

E pondo as mãos de trás lhe disse:

— Senhora! Nenhuma mulher me lançou água às mãos neste mundo, e por isso não consentirei que vós mo façais.

E ela, apertando com êle que o quisesse consentir, lhe disse que pois as outras Senhoras o fizeram assim, cada uma ao seu Cavaleiro, que ela em tôda a maneira lha havia de lançar.

O que êle vendo, lhe disse:

— Não recusava eu a mercê por me não achar por muito honrado com ela; mas a pouca dignidade e merecimentos de minha pessoa, e o ter mãos tam cheias de cabelos me faziam não na aceitar. Mas, pois assim é, que quem pode manda, eu, como súbdito e vosso servidor, quero obedecer! E isto eu o encubro, como vedes, Senhora, porque a Natureza obrou tam mal comigo que até às unhas me deu os cabelos!

Respondeu ela:

— Senhor! Antes essas vossas mãos sou eu obrigada [a] beijar e lavar muitas vezes, e fazer-lhe todo o acatamento, pois que por elas sou livre daquela infâmia que aqueles cavaleiros me queriam pôr; e pois elas me livraram, justa coisa é

II

O DUELO DO CONDE DE AVRANCHES EM BASILEIA

Álvaro de Almada — êste é o que atrás chama Conde de Avranches¹ — se foi [à] Alemanha, e, na cidade de Basileia, houve um gram desafio com um Alemão.

E o concêrto era armas por armas, tais por tais, sob pena de ser aleivoso e de nunca mais tomar armas, e de ser aleivoso, como digo, o que não cumprisse.

Entraram estes Cavaleiros em Campo, e começaram uma brava batalha entre ambos, que era maravilha de ver. E trazendo o Português maltratado o Alemão, e vendo-se já perdido e quási vencido, tirou de um bastão que trazia, e ficou-lhe um garfo (*sic*) de aceiro, e lançou-lho, a

¹ Esta frase, que no texto vai entre traços, está no Ms. lançada à margem

um ombro, e desguarneceu o arnês a Álvaro de Almada, e levava-lhe no garfo (*sic*) carne da espádua.

Quando Álvaro de Almada viu o gancho (*sic*) e como de uma só vez lhe despedaçara o arnês e parte das carnes, lançando a bisarma no chão e remetendo a êle, com tamanha fúria lhe apertou a garganta, e deu com êle no chão, que ali deixou o fôlego primeiro que se levantasse.

E vendo o Imperador a traição do Alemão, e como usara de traidor em não cumprir os pontos com que entraram no Campo, houve Álvaro de Almada por bom Cavaleiro e ao Alemão por traidor.

III

MAGRIÇO E A CONDESSA DA FLANDRES

Quanto a Álvaro Gonçalves o que fêz é o seguinte:

Acabada a batalha em Inglaterra, Álvaro Gonçalves Magriço se passou a Flandres e foi-se a Casa do Conde, que era casado com Madame Isabel, que era filha de El-Rei de Portugal, Dom João de Boa-Memória.

E andando em sua Casa vieram Embaixadores de El-Rei de França para o dito Conde de Flandres, os quais diziam, da parte de El-Rei de França, que êle queria fazer Côrtes, [e] que fôsse a elas como devia e era obrigado; do que a Condessa foi muito espantada e disse ao Conde:

— Eh! bem! Senhor! Às Côrtes de El-Rei de França sois vós obrigado de ir?!...

E êle lhe disse que sim, que seu Pai e seus avós sempre tiveram essa obrigação, em cumprimento da qual iam a elas quando eram requeridos, e que por isso não podia al fazer senão o que êles fizeram pela obrigação que tinham.

Ao que ela respondeu que lhe pesava muito daquela sujeição e que ela o tinha a má ventura, e que se tinha por cativa; porém que ela prometia, como filha de quem era, que ela se aforesse de El-Rei de França, dêle nem ela irem às suas Côrtes.

Disse então o Duque:

— Isso, Senhora, não se pode fazer, porque vem já por descendentes e não se pode [pôr] côbro, por ser, como é de justiça e direito que El-Rei de França neste Condado tem.

Disse ela então:

— Vós, Senhor, não ireis lá, senão eu!

E, para cumprimento desta promessa, com muita brevidade se enderençou e se

partiu para Paris, onde as Côrtes se faziam, e mandou pôr uma cadeira igual com a de El-Rei de França, na qual se assentou.

E quando os Principais de França assim a viram:

— Senhor! Não basta ao Conde de Flandres não vir às vossas Côrtes, disseram êles, mas antes sendo [vosso vassalo] como foram todos os Duques de Borgonha, seus antecessores, mas (*sic*) o Duque D. Felipe manda pôr cadeira de sua mulher igual com a vossa!

Disse [o Rei] então ali à Condessa:

— E porque não vinha o Duque, vosso marido?! Não sabe êle que o seu Condado e Ducado de Flandres e Borgonha foram sempre os Duques dêles obrigados a vir a elas?

Ao que ela respondeu:

— Senhor! O Duque não vem, porque eu só aqui apareço por êle, e digo que vós não tendes direito em constrangerdes ao Duque que venha a vossa Côrtes,

e a razão [é] porque se vós quizerdes que por armas se determine eu darei Cavaleiro que se combata com outro vosso, que o Duque e eu e todos os nossos descendentes sejam livres de nunca vir a vossas Côrtes, e se o vosso vencer que a terra fique obrigada como dizeis, e até aqui foi. Porque, quando eu casei com o Duque, não soube desta sujeição que dizeis que tem, porque não consentira que filha de tamanho Rei como eu sou casara com homem sujeito!

Quando El-Rei de França viu a demanda da Duquesa e Condessa, que era porque tinha na sua Côrte Cavaleiros mui aprovados em feitos de armas, os quais não desejavam outro bem senão coisas em que exercitassem seus esforços, saiu logo um mui valente Cavaleiro francês a pediu por mercê a El-Rei que lhe outorgasse aquela emprêsa, a qual El-Rei lhe concedeu por o que sabia da sua valentia e esfôrço que nas armas tinha. E puseram logo prazo que daí a um mês ela

mandasse o seu Cavaleiro para se combaterem ambos.

Isto acabado a Duquesa se tornou a Flandres.

Deixemos as razões que teve com El-Rei de França sôbre o pôr da cadeira, ca¹ disse que lhe pertencia por ser como era filha de tam famoso Rei, e volta, como digo, a Flandres deu conta ao Duque do negócio como ficara, e êle a repreendeu, dizendo — que para que era matarem-se os homens em desafio?!

Finalmente, que buscando e rogando ela muito, nunca achou nenhum flamengo que quisesse aceitar o desafio, porque viam² que não tinha justiça.

E quando a Duquesa viu que em Flandres se não achavam (*sic*) quem o quisesse aceitar, disse que ali estava Álvaro

¹ = *pois*

² Ou *havam*

Gonçalves Magriço, que era Criado de El-Rei seu Pai, que êle se combateria por sua parte com o Cavaleiro francês.

E, quando o Duque viu que ela assim insistia, disse que se chamasse Álvaro Gonçalves.

E vindo êle, perguntou o Conde se queria entrar por sua parte naquela batalha; e êle lhe respondeu que sim.

E perguntando-lhe o Duque e Conde que teúdo era que havia mister para aquele acto, êle lhe disse que se êle tivesse na Côrte de El-Rei de França algum amigo, no qual se atrevesse que lhe daria o necessário, que o enderençasse a êle, que lá se proveria do que havia mister; e que para êle lhe desse, como deu, cartas para um Conde, grande amigo do Duque Felipe, na qual lhe pedia que de tudo o necessário o provesse, porquanto ia pôr-se em armas por sua parte e lhe desse todo o bom aviamento.

Com estas cartas se partiu Álvaro Gonçalves vestido em hábitos de Romei-

ro, com seu bordão na mão e com uma roupa cerrada, na qual levava a carta (*sic*).

E assim, indo por êsse caminho, quási mendigando, aportou em Paris, onde estava El-Rei de França e tôda a sua Côrte esperando o prazo para verem o desafio.

E, tanto que em Paris, foi-se a casa do Conde, e pedindo esmola acertou o Conde de chegar a uma janela; e [o Magriço] sabendo que [o dito Conde] era aquele, lhe disse que lhe queria dar, como deu, uma carta.

E vista por êle, lhe disse:

— Sois vós o Cavaleiro?!

Disse Álvaro Gonçalves:

— Senhor: sim! E venho neste hábito por se não saber quem sou...

— Agora de manhã, disse o Conde, que se cumpre o derradeiro dia do prazo.

— Sim, disse Álvaro Gonçalves, e vos peço muito por mercê, e por aquilo que deveis à Ordem de Cavalaria, e pela amizade que tendes com o Duque meu senhor,

por êle ser como é muito vosso amigo, que nesse atrevimento me mandou assiadamente a vós, que vós me desenganeis dando-me armas e cavalo desenganados para entrar neste desafio.

A quem o Conde respondeu que êle o faria de maneira que, por sua própria pessoa, faria experiência.

E mandando por umas armas e cavalo êle as provou e achou muito boas, as quais vestiu Álvaro Gonçalves.

E cavalgando no cavalo, indo assim muito bem armado, era já tarde, e a gente era tanta pelos muros e palanques que era maravilha.

E o Francês, que havia já vinte e nove dias, quando veio ao dia do prazo em que êle se pôs e andou bem armado, vendo que era já mui tarde e que lhe não saía ninguém, de sôlto¹ e soberbo começou de pedir em altas vozes instrumentos

¹ No original lê-se *soldo*, que nos não parece fazer sentido.

de como ali viera sem achar pessoa da parte do Duque Felipe, para que com êle se combatesse.

Estando nisto, entra no Campo Álvaro Gonçalves, e começou a andar apalpando o Campo e a olhá-lo muito.

O Francês que já estava à parte (?), quando viu que o Português gastava mais o tempo em andar a redor do Campo, parecendo-lhe que de covarde e temeroso o fazia, e também porque passara por junto dêle duas ou três vezes correndo as estâncias sem lhe falar, lhe disse alto que geralmente se ouviu:

— Eu nunca vi tam ribaldo Cavaleiro! E, segundo mostra em seu pouco esforço, algum poltrão velho deve de ser, pois se escusa tanto de combater comigo!

Ao qual Álvaro Gonçalves respondeu:

— Vós, Dom Cavaleiro, mentis pela gorja! E por isso me matarei convosco e vos farei conhecer que sou melhor cavaleiro que vós!

E arremetendo ambos com gram fortaleza um para o outro, tamanhos encon-

tros se deram que, juntamente, cavalos e senhores vieram a terra, e com muita presteza se levantaram, e vieram à batalha das espadas, a qual durou por mui grande espaço, não sem muita admiração de El-Rei e da sua Côrte.

Finalmente, Álvaro Gonçalves se houve com tanta fortaleza com o Francês que no cabo da batalha o venceu e cortou a cabeça.

E dali foi recolhido por alguns amigos do Duque e foi-se para êle.

E desta maneira livrou Álvaro Gonçalves Magriço, a rôgo de Madame, o Condado de Flandres da sujeição da França, para sempre — ao qual foram feitas grandes honras e mercês.

E após isso, querendo-se êle vir a Portugal, escreveram a El-Rei Dom João de Boa-Memória que fizesse muita honra e mercê àquele Cavaleiro, porque pusera em liberdade o Condado de Flandres, e o livrara daquela sujeição de França; e

El-Rei, por satisfação de tamanha coisa,
lhe fêz muita mercê e o fêz conde ¹
e foi o fundamento da Casa sua.

*

* *

E destas coisas há aí Crónica em In-
glaterra que largamente trata dêstes Ca-
valeiros.

FIM

¹ Há aqui uma lacuna no texto.

OS LUSÍADAS

Canto VI, 42-69

- 44 Entre as damas gentis da corte Inglesa
E nobres cortesãos, a caso um dia
Se levantou discórdia, em ira acesa
(Ou foi opinião, ou foi porfia).
Os cortesãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão que honras e famas
Em tais damas não há pera ser damas;
- 45 E que, se houver alguém, com lança e
[espada,
Que queira sustentar a parte sua,
Que eles, em campo raso ou estacada,
Lhe darão feia infâmia ou morte crua.
A femenil fraqueza, pouco usada,
Ou nunca, a opróbrios tais, vendo-se nua
De forças naturais convenientes,
Socorro pede a amigos e parentes.
- 46 Mas, como fossem grandes e possantes
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem férvidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lágrimas fermosas e bastantes
A fazer que em socorro os Deuses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro.

- 47 Era este Ingrês potente e militara
Cos Portugueses já contra Castela,
Onde as forças magnânimas provara
Dos companheiros, e benigna estrela.
Não menos nesta terra esprimentara
Namorados affeitos, quando nela
A filha viu, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.
- 48 Este, que socorrer-lhe não queria
Por não causar discórdias intestinas,
Lhe diz: «Quando o direito pretendia
Do Reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor e partes tão divinas,
Que eles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.
- 49 E se, agravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que, por cartas discretas e polidas,
De vosso agravo os façam sabedores.
Também, por vossa parte, encarecidas
Com palavras de afagos e de amores
Lhe sejam vossas lágrimas, que eu creio
Que ali tereis socorro e forte esteio.»

- 50 Destarte as aconselha o Duque experto
E logo lhe nomeia doze fortes;
E, por que cada dama um tenha certo,
Lhe manda que sobre eles lancem sortes,
Que elas só doze são; e descoberto
Qual a qual tem caído das consortes,
Cada hũa escreve ao seu, por vários modos,
E todas a seu Rei e o Duque a todos.
- 51 Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a corte alvoroça a novidade;
Quisera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho sofre a régia Majestade.
Qualquer dos cortesãos aventureiro
Deseja ser, com férvida vontade,
E só fica por bem-aventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.
- 52 Lá na leal cidade, donde teve
Origem (como é fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze, em tempo breve,
De armas e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras e primores,
Cavalos, e concertos de mil cores.

- 53 Já do seu Rei tomado tem licença,
Pera partir do Douro celebrado,
Aqueles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglês esperimentado.
Não há na companhia diferença
De cavaleiro, destro ou esforçado;
Mas um só, que Magriço se dizia,
Destarte fala à forte companhia:
- 54 «Fortísimos consócios, eu desejo,
Há muito já, de andar terras estranhas,
Por ver mais águas que as do Douro e
[Tejo,
Várias gentes e leis e várias manhas.
Agora que aparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são
[tamanhas),
Quero, se me deixais, ir só, por terra,
Porque eu serei convosco em Inglaterra.
- 55 E, quando caso for que eu, impedido
Por Quem das cousas é última linha,
Não for convosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que é dividido.
Mas, se a verdade o sprito me adivinha,
Rios, montes, Fortuna ou sua enveja
Não farão que eu convosco lá não seja.»

- 56 Assi diz: e, abraçados os amigos
E tomada licença, enfim, se parte.
Passa Leão, Castela, vendo antigos
Lugares que ganhara o pátrio Marte;
Navarra, cos altísimos perigos
Do Perineo, que Espanha e Gália parte.
Vistas, enfim, de França as cousas grandes,
No grande empório foi parar de Frandes.
- 57 Ali chegado, ou fosse caso ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias.
Mas dos onze a ilustríssima companhia
Cortam do mar do Norte as ondas frias;
Chegados de Inglaterra à costa estranha,
Pera Londres já fazem todos vias.
Do duque são com festa agasalhados
E das damas servidos e amimados.
- 58 Chega-se o prazo e dia assinalado
De entrar em campo já cos doze Ingleses,
Que pelo Rei já tinham segurado;
Armam-se de elmos, grevas e de arneses.
Já as damas tem por si, fulgente e armado,
O Mavorte feroz dos Portugueses;
Vestem-se elas de cores e de sedas,
De ouro e de jóias mil, ricas e ledas.

- 59 Mas aquela, a quem fora em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavaleiro nesta empresa;
Bem que os onze apregoam que acabado
Será o negócio assi na corte Inglesa,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Posto que dous e três dos seus faleçam.
- 60 Já num sublime e pubrico teatro
Se assenta o Rei Inglês com toda a corte
Estavam três e três e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte;
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Batro,
De força, esforço e de ânimo mais forte,
Outros doze sair, como os Ingleses,
No campo, contra os onze Portugueses.
- 61 Mastigam os cavalos, escumando,
Os áureos freios, com feroz semblante;
Estava o Sol nas armas rutilando,
Como em cristal ou rígido diamante;
Mas enxerga-se, num e noutro bando,
Partido desigual e dissonante
Dos onze contra os doze, quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

- 62 Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do rebuliço;
Eis entra um cavaleiro, que trazia
Armas, cavalo, ao bélico serviço;
Ao Rei e às damas fala, e logo se ia
Pera os onze, que este era o grão Magriço.
Abraça os companheiros, como amigos
A quem não falta, certo nos perigos.
- 63 A dama, como ouviu que este era aquele
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegre e veste ali do animal de Hele,
Que a gente bruta mais que vertude ama.
Já dão sinal, e o som da tuba impele
Os belicosos ânimos, que inflama;
Picam de esporas, largam rédeas logo,
Abaxam lanças, fere a terra fogo.
- 64 Dos cavalos o estrépito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme;
O coração, no peito que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme.
Qual do cavalo voa, que não dece;
Qual, co cavalo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual cos penachos do elmo açouta as
[ancas.

65 Algun dali tomou perpétuo sono
 E fez da vida ao fim breve intervalo;
 Correndo, algum cavalo vai sem dono,
 E noutra parte o dono sem cavalo.
 Cai a soberba Inglesa de seu trono,
 Que dous ou três já fora vão do valo.
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais acham já que arnês, escudo e malha.

66 Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 É desses gastadores, que sabemos,
 Maus do tempo, com fábulas sonhadas.
 Basta, por fim do caso, que entendemos
 Que, com finezas altas e afamadas,
 Cos nossos fica a palma da vitória
 E as damas, vencedoras e com glória.

67 Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas e alegria;
 Cozinheiros ocupa e caçadores,
 Das damas a fermosa companhia,
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil, cada hora e cada dia,
 Enquanto se detem em Inglaterra,
 Até tornar à doce e cara terra.

- 68 Mas dizem que, contudo, o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde um serviço
Notável à Condessa fez de Frandes.
E, como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu, Marte, mandes,
Um Francês mata em campo, que o destino
Lá teve de Torcato e de Corvino.
- 69 Outro também dos doze em Alemanha
Se lança, e teve um fero desafio
Cum Germano enganoso, que, com manha
Não divida, o quis pôr no extremo fio.»
Contando assi Veloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

ÍNDICE

| | |
|---------------------------------------|----|
| A «Relação» e «Os Lusíadas» | 7 |
| Observação | 13 |
| <i>Notas</i> | 18 |

RELAÇÃO OU CRÓNICA BREVE

| | |
|--|----|
| Cavalarias de alguns Fidalgos Portugueses | 21 |
| I — O Torneio de Londres | 21 |
| II — O Duelo do Conde de Avranches em Basileia | 34 |
| III — Magriço e a Condessa da Flandres | 36 |

OS LUSÍADAS

| | |
|---------------------------|----|
| Canto VI, 42-69 | 47 |
|---------------------------|----|



COLEÇÃO ESSENCIAL

1. IRENE LISBOA
por Paula Morão
2. ANTERO DE QUENTAL
por Ana Maria Almeida Martins
3. A FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE
por José Mattoso (2.ª edição)
4. A CONDIÇÃO FEMININA
por Maria Antónia Palla
5. CULTURA MEDIEVAL PORTUGUESA
(Séculos XI e XIV)
por José Mattoso
6. OS ELEMENTOS FUNDAMENTAIS
DA CULTURA PORTUGUESA
por Jorge Dias
7. JOSEFA D'ÓBIDOS
por Vitor Serrão
8. MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO
por Clara Rocha
9. FERNANDO PESSOA
por Maria José de Lancastre
10. GIL VICENTE
por Stephen Reckert
11. O CORSO E A PIRATARIA
por Ana Maria Pereira Ferreira
12. OS «BEBÉS-PROVETA»
por Clara Pinto Correia
13. CAROLINA MICHAÉLIS DE VASCONCELOS
por Maria Assunção Pinto Correia
14. O CANCRO
por José Conde
15. A CONSTITUIÇÃO PORTUGUESA
por Jorge Miranda
16. O CORAÇÃO
por Fernando de Pádua
17. CESÁRIO VERDE
por Joel Serrão
18. ALCEU E SAFO
por Albano Martins
19. O ROMANCEIRO TRADICIONAL
por J. David Pinto-Correia
20. O TRATADO DE WINDSOR
por Luís Adão da Fonseca
21. OS DOZE DE INGLATERRA
por Artur de Magalhães Basto

Composto e impresso por
Filográfica - Impressão e Artes Gráficas, Lda.
para
Imprensa Nacional/Casa da Moeda
em Novembro de 1986
com uma tiragem de dez mil exemplares.
Concepção gráfica do Gabinete Editorial da INCM

CÓD. 213022000
ED. 12.310.357

DEP. LEG. 14179/86



